

Dez teses sobre o teatro universitário

Martin Wiebel

Apresentamos as teses de Martin Wiebel, editadas por ocasião do X Festival de teatro universitário de Erlangen (R. F. A.) em 1966 e transcritas no n.º 36 da revista *Partisans*, não apenas com a intenção de informar o leitor sobre os problemas do teatro universitário alemão, mas pelo fato de se aproximarem bastante das nossas, as posições de Martin Wiebel; em particular, consideramos muito oportunas as críticas do autor ao pseudo-vanguardismo e à procura do efeito fácil enquanto formas de fuga da realidade, que, às vezes sob aspectos diferentes, têm prejudicado também o nosso T. U.

Tese I — O que chamamos hoje em dia de teatro universitário, qualquer que seja a pretensão implícita no termo, só pode ser rotulado de teatro de comunidade.

Isto quer dizer; quem se reúne aqui, por um semestre, são aqueles que procuram resolver os seus desentendimentos com o mundo que os rodeia, por uma atitude tomada de empréstimo à idéia da arte pela arte; aqueles que se divertem exibindo seu senso de humor no palco. A paixão lúdica despertada naqueles que na escola são declamadores brilhantes, é tolhida por contingências financeiras, técnicas e organizacionais. Encontram no teatro o que não lhes

ofereceu a sua escola: uma comunidade que reduz o prazer lúdico a um absoluto.

Tese II — As flutuações no seio do teatro universitário são da mesma ordem das que atingem os agrupamentos estudantis, de tal maneira que se torna impossível desenvolver um estilo de representação uniforme. Posto que somos estudantes fazendo teatro, e não atôres que estudam, devemos, deste defeito, extrair uma qualidade.

A única possibilidade de diferenciar o teatro universitário do teatro profissional, é afirmar conscientemente suas possibilidades amadorísticas dentro de uma concepção conveniente do estilo e da temática. Pior do que o laborioso esforço de amadores em dissimular seu diletantismo, somente o esforço de se meter desajeitadamente pelos caminhos repisados do teatro profissional.

Tese III — O teatro universitário tem portanto, entre outras, a possibilidade de distinguir o estilo de representação de seus atôres do estilo dos atôres do teatro profissional.

Não se trata de simular uma certa perfeição pela via do teatro de convenções

ultrapassadas, nem pela imitação forçada de alguma celebridade teatral, mas de representar da maneira descrita por Brecht em "Amateur Theater", isto é, de uma maneira sincera. O estilo dos atores, que decorre da mise-en-scène, é testemunho de vontade de imitar ou não o teatro profissional.

Tese IV — Uma das condições indispensáveis para criar este estilo de representação é a elaboração de uma mise-en-scène adequada.

Ao contrário do teatro profissional, o teatro universitário representa, antes de tudo, ou unicamente, um coletivo que trabalha em grupo. A ditadura de um diretor pessoalmente responsável pelo seu trabalho não é conciliável com este princípio: é uma atividade conjunta que deve condicionar a atividade teatral dos estudantes. A possibilidade decisiva é portanto o esforço intelectual coletivo no momento da projeção dramática e da análise do texto pelo conjunto do grupo.

Tese V — A possibilidade mais importante do teatro universitário é a de formular a sua orientação por meio de discussões no seio do grupo. Geralmente o teatro universitário não corre os mesmos riscos financeiros do teatro profissional, e este fato deverá ser levado em conta na escolha das peças.

Podemos, portanto, nos dedicar a formas de literatura dramática que, por razões financeiras, políticas ou filosóficas estão fora do alcance do teatro profissional. Podemos portanto exumar e prover de novas concepções estas peças para torná-las representáveis; podemos, portanto, nos enganar.

Tese VI — O dever essencial do nosso teatro deverá ser o de constatar que sua crise deve ser concebida como uma crise de nossas condições interiores, uma crise de consciência.

A nossa miséria evidente vem da tendência fatal a dividir o mundo em duas esferas: a esfera da arte, e a esfera do terrestre e do profano. Existe sempre o grupo daqueles que se sentem inspirados pelas musas, e que se desembaraçam dos seus contínuos conflitos com a realidade através do amor pelo teatro de vanguarda, diretamente calcado no dos teatros profissionais: em suma, é a fuga através do teatro. Assim como ninguém consegue chocar com a vanguarda pela vanguarda, ninguém consegue explicar a singularidade dos esforços do teatro universitário pelo simples mistério e o prazer lúdico que constituem o

teatro amador. Um caminho para a criação de uma arte própria seria o de tomar consciência de que não é a transmissão de um patrimônio cultural, mas a compreensão do teatro como meio de atuar sobre a realidade que deve nos orientar.

Tese VII — Trata-se de instituir um teatro com uma finalidade fixa, o que quer dizer que é preciso saber para quem e como se vai representar, com uma certa singularidade e uma certa especificidade.

A possibilidade válida para nosso teatro residirá em colocar em evidência relações sócio-econômicas por meio de técnicas e de um trabalho adequados a um teatro universitário.

Tese VIII — De acordo com essas idéias deverá ser estabelecido um repertório heterogêneo que permita demonstrar a intenção do teatro ao empregar suas técnicas próprias.

Várias possibilidades se oferecem de exumar e remanejar peças que não são plenamente satisfatórias do ponto de vista dramático. Podemos mesmo readaptar e re-interpretar certas peças sob o aspecto da crítica social.

Em caso algum deve ser permitido ao teatro universitário o abandono às tentações pirotécnicas da simples procura do efeito, ou o cultivo de um pseudo-vanguardismo.

Tese IX — A perigosa letargia do teatro universitário pode ser superada se o conjunto dos participantes se der conta de seu poder de criação e confirmar sua razão de ser por uma concepção própria. Se o nosso teatro for uma catapulta de atores ávidos de glória, dotado de um certo pragmatismo econômico, e não um instrumento para destruir e reconstruir ideologias, não valerá a pena colocar em dúvida sua validade. Trata-se de abrir fronteiras para a atividade do teatro universitário graças à razão que permite evidenciar condições sociais através da representação.

Tese X — A independência que caracteriza o teatro universitário nos oferece a possibilidade da experiência, no sentido estrito da palavra, isto é, a realização de um projeto anterior. Dois caminhos se abrem aqui: a) a experiência estilístico-artesanal com os meios teatrais, buscando a mais alta perfeição. b) o comprometimento no nível da crítica social com suas possibilidades de trabalho em equipe.

tradução: André Gouveia